

6 Conclusão

A satisfação de concluir uma pesquisa é proporcional à consecução do que se propôs. Da gestação do projeto de uma possível relação de Paulo com João nasceram, desde o início, três âmbitos bem claros de interesse para o estudo. (a) Antes de tudo se reafirmou a possibilidade de levantar, a partir de estudo dos textos, elementos que comprovassem a existência da *relação semântica e teológico-comunicativa de Paulo com João*. (b) Depois se apresentava o desafio de revisitar textos, já tão meticulosamente estudados, de modo a escutar algo novo deles. Para isso era necessário que fosse *nova a pergunta a colocar-lhes (nova abordagem)*. (c) Essa nova pergunta passava pela *definição essencial do rosto do discípulo: sua gênese e seu formar-se*.

Esses âmbitos de estudo se especificaram pelos cinco objetivos traçados no início da pesquisa: a) O que teria Paulo e João a dizer sobre a gênese e a configuração do discípulo? b) Esses escritos têm um rosto comum no que tange ao específico cristão? c) Há entre esses dois *corpora* algum consenso semântico e teológico? d) Em que as abordagens sincrônicas poderiam contribuir de modo harmônico para o ouvinte-leitor contemporâneo? e) Que lampejos teológicos poderiam ser colhidos?

Eis os desafios propostos. A pesquisa a fazer seria, basicamente, bibliográfica. Antes de tudo, debruçar-se sobre as duas perícopes propostas como fonte de respostas para as indagações. Seguiu-se uma meticulosa pesquisa do que já foi produzido. Chegou-se, então, às conclusões aqui apresentadas.

6.1. **Revisitar a centralidade de Cristo na gênese do discípulo nestes dois testemunhos da primeira hora do cristianismo.**

Os testemunhos de Paulo e de João são escutados com grande frescor; são textos que parecem apenas sair do prelo. As metáforas – Paulo a da corrida no atletismo e João a da videira e dos ramos – suavizam a comunicação e, com leveza, despertam o espírito para acolher o conteúdo comunicativo.

Paulo relaciona o nascer e o fazer-se do discípulo com o mistério de Cristo. O Cristo ressuscitado – é desse que fala Paulo – é capaz de alcançá-lo em

um momento pontual de sua vida. Esse fato exigirá toda uma existência devotada em atualizar em si os mistérios pascais de Cristo: sofrimentos, morte e ressurreição. Essa con-formação não se dá de modo mimético, como observador externo, mas como assimilação nele (ἐν αὐτῷ). O discípulo tem como marco vivencial seu encontrar-se em Cristo.

João, segundo seu modo próprio de persuadir o ouvinte-leitor, comunica a mesma expectativa: permanecer em Cristo (μένειν ἐν ἐμοί). Como um ramo a ser enxertado, purificado pela palavra, nutrido pela permanência e fecundo pelos frutos, o discípulo se define na sua relação com Cristo: não há ramo que tenha alguma relevância se não grudado na videira.

Quando nasce o discípulo? O que é realmente relevante para determinar o início do discipulado? Isto acontece quando seu centro existencial passa a ser nutrido pelo ser de Cristo; no momento em que a relação com Cristo se torna a referência de valoração para toda a vida, com suas experiências passadas e presentes. Externamente pode ser observado pelo que é para ele ganho e o que é perda. A mudança não é circunstancial, nem periférica, é o princípio de ajuizamento que é sofrer a *metánoia*.

O discipulado é um processo. Como o discípulo se faz? Ainda agora é preciso que esteja em Cristo, que suas escolhas estejam inspiradas no juízo de tudo perder por causa de Cristo. Isso dura uma vida. Todo esse processo se propende para o marco da plena comunhão. Ele é uma opção fundamental manifestada nas diversas escolhas categoriais.

6.2.

A relevância destes escritos para configurar o específico do ser cristão.

À forte tentação de forjar o discipulado a partir das nossas necessidades e expectativas que sejam cumpridas, os textos estudados centralizaram a identidade em Cristo; nele como fato testemunhado como vivo e em ação. À questão de que se haja realmente um específico Cristão, os testemunhos de Paulo e de João são que há e que ele está na relação interna e determinante com Cristo. O específico do rosto do discípulo é o rosto de Cristo. O discípulo, pela sua natureza mesma, não pode se contentar em algo menos que ser outro Cristo, sob o risco de deixar de ser discípulo. Não há uma meta menor, um reduzido para a classe B.

Ao procurar o específico, o essencial, são excluídas as caricaturas de discipulado. Já o texto de Paulo exclui qualquer pretensão perante Deus, qualquer confiança na carne. A essência não está no que se faz ou nas prerrogativas raciais ou grupais, mas no que deixa Cristo fazer na pessoa e na intensidade do envolvimento com ele. O discípulo é alguém que foi encontrado e então, como um jogo infantil de pega-pega, corre para encontrá-lo. Isso durará uma vida e permitirá a plenitude de vida.

O que dizer do EvJo? Para o EvJo o discípulo deverá glorificar o Pai como Jesus o glorifica. O discípulo se define pela sua relação com Cristo, como o ramo com a videira. O específico do discípulo está na sua fonte, no que nutre sua vida. Todos podem buscar a justiça e a paz, mas o discípulo o faz por Cristo, com Cristo e em Cristo. Os frutos são o transbordamento da seiva nos ramos. Em uma palavra, a *primazia* absoluta da graça⁴⁶⁵.

Portanto, o específico do cristão é dado por Cristo. É o dom acolhido que transforma o ser e o agir. Aqui e não fora está o que define o discípulo. Seu rosto mais original está estampado na face de Cristo.

6.3.

Colher o consenso semântico e teológico-comunicativo dos textos de Fl 3,1-16 e Jo 15,1-8.

O quarto capítulo se encarregou de colher o caminho feito nos estudos dos textos nos capítulos anteriores e demarcar o itinerário do discípulo, desde sua gênese e sua intrínseca dimensão escatológica.

Os léxicos e sintagmas diferentes são concordes no testemunho e na proposta comunicativa. O mistério de Cristo tem em Paulo e em João testemunhas bem marcadas pela sua individualidade lexical, mas que permitem serem vistos no horizonte comum do Cânon, no qual o ouvinte-leitor colhe as marcas comunicativas que impactam nos mesmos pontos essenciais.

Como nasce o discípulo? Da gratuidade de ser encontrado, da gratuidade da palavra dada que purifica, purificação que se dá pela entrega que Jesus faz de sua vida pelo discípulo, consagrando-se por ele.

⁴⁶⁵ *Novo Millennio Ineunte*, n. 38.

Qual é o caminho adequado de construção do discipulado? É preciso tudo perder por ele (Paulo), ou nada fazer sem ele (João). Supõe a superação da autossuficiência, buscando na própria justiça o componente essencial, ou buscar em qualquer criatura a segurança para realizar-se.

Qual é o ambiente vital para o desenvolvimento do discípulo? A fonte da vida está nele, é necessário permanecer em Jesus. O discernimento será sempre o que permite esta permanência. Está excluída a pretensão de estar pronto, perfeito. Por outro lado, glorificar o Pai, seguindo o caminho fruto do encontro deverá ser a regra da vida.

Há algo a esperar, alguma reserva escatológica? Paulo propõe que continue a busca; João indica a glória do Pai, realizar seu querer com a totalidade da vida. Como o Pai glorifica Jesus que, por sua vez o glorifica, ele glorificará o discípulo que o glorificar. Glorificar o discípulo significa realizar plenamente o dinamismo do seu ser que tende ao infinito; essa é a vida plena. O discípulo já tem as primícias, deverá aguardar a totalidade da colheita.

6.4.

Utilizar abordagens sincrônicas para fazer dialogar textos de *corpora* distintos, tendo como elemento de comparação a força comunicativa dos textos.

O estudo da relação de Paulo e João, dentro dos limites do método histórico-crítico, chegou à conclusão que seria um caminho descartado para percorrer⁴⁶⁶. Essa pesquisa traz o tema à ribalta, pois acreditou que por outro caminho (*métodos*) seria possível estabelecer essa relação. Por meio do método histórico-crítico se concluiu que estávamos diante de textos de períodos históricos diversos, com fontes e autoria diferentes. Foi neste veio que as abordagens sincrônicas tiveram uma contribuição nova para dar. Foi dado ouvido aos textos tal como se encontra no Cânon. E eles falaram com grande sintonia: Paulo e João tinham pauta comum; o ouvinte-leitor recebe impactos comunicativos na escuta/leitura atenta dos textos.

⁴⁶⁶ BULTMANN, R. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004, p. 433: “A relação entre João e Paulo, porém, não pode ser entendida segundo o esquema de um desenvolvimento monolinear da teologia protocristã, pois ambos vão a *direções totalmente diferentes*” (grifo nosso).

Isso só foi possível pela atenção ao campo semântico dos léxicos, dos sintagmas e das estratégias que os dois textos utilizavam para influenciar quem entrasse em contato com eles. Admite-se que “a situação mudada do leitor condiciona a escuta do texto”⁴⁶⁷. O condicionante desta escuta é que o ouvinte-leitor pressuposto pelos textos é o crente, que se encontra disposto a acolher aquelas narrativas como algo relevante para sua vida de fé. Este estudo, da sua parte, como ouvinte-leitor real, os acolheu na comunidade de fé, como textos que possuíam algo extraordinário, pela ação do Espírito, na feitura deles.

Sendo assim, não ficam anuladas as diferenças dos *corpora*, muitas coisas lhes são próprias: vocabulário, imagens, algumas estratégias. O EvJo não depende dos escritos de Paulo. Por outro lado, sabe-se quão difícil é procurar algo que vá além dos textos; as testemunhas externas são poucas e, muitas vezes, menos confiáveis que o “réu”. Por este motivo o caminho que foi encontrado foram as abordagens sincrônicas; e ao final deste estudo, julga-se um caminho praticável.

6.5. Linhas teológicas que sobressaíram

a) Contribuição para a cristologia

A ligação de Jesus com os discípulos se apresenta nos escritos de Paulo e no EvJo com novidades em relação ao restante do Novo Testamento. Além da indissolúvel apresentação de cristologia e soteriologia⁴⁶⁸, pode-se também dizer o mesmo da soteriologia e eclesiologia: a soteriologia é profundamente eclesiológica e a eclesiologia é essencialmente soteriológica. Se por um lado fica patente que não se pode entender o discípulo sem sua referência com Jesus – este foi o foco desta tese –, por outro lado, de algum modo, a recíproca é verdadeira. Ou seja, Deus, em Jesus Cristo, se qualifica pela relação com as pessoas: relação intrínseca, definidora mesma do seu ser no mundo. O que temos, em última instância, é o *Cristus totus*, cabeça e membros, videira e ramos, pelo qual se está disposto tudo perder.

⁴⁶⁷ CHILDS, B.S. *Teologia Bíblica. Antico e Nuovo Testamento*. Casale Monferrato: Piemme, 1998, p. 107.

⁴⁶⁸ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. Da entrada em Jerusalém até a ressurreição. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011, p. 153: “A afirmação decisiva da fé sobre Jesus está na unidade inseparável das duas palavras ‘Jesus Cristo’, que se esconde a experiência da identidade de existência e missão”.

É sem lugar uma cristologia desvinculada da vivência como povo de Deus. É, no mínimo, vazia a afirmação: Cristo sim, Igreja não. Onde está este Cristo não eclesial?⁴⁶⁹ Somente na cabeça de quem, em última análise, se nega a ser discípulo dele; se nega a conformar com o caminho apresentado pelas primeiras testemunhas que cristalizaram nos textos canônicos suas experiências.

Jesus é apresentado por Paulo e pelo João como Deus para a pessoa humana e a pessoa humana existe para ele. Não se está somente diante dele, mas também o discípulo se encontra nele; isto se dá de um modo vivencial, existencial, por decisão e referencial absoluto de vida.

b) Contribuições para a eclesiologia

A ligação dos discípulos com Jesus indica uma reviravolta eclesiológica: as núpcias de Deus com a humanidade foram celebradas em Cristo, pois a ele se encontram unidos os discípulos. Há uma força no mundo que tende a que toda pessoa se torne discípulo de Deus, em Cristo. Então serão todos nutridos com a sabedoria de Deus.

Eu sou a videira verdadeira. Eis a afirmação da reviravolta copernicana na compreensão eclesiológica. A videira nos precede, ela é doravante o Filho encarnado. Não será jamais abandonada ao “javali da mata virgem”. Estando nele, o discípulo já possui vida eterna e não há mais para ele condenação.

“Ser encontrado nele” (Fl 3,9a) é uma imagem muito forte. Jesus é como um continente onde se pode ser encontrado. Quem buscar o discípulo deverá encontrá-lo em Cristo. Esta é uma frase final (Fl 3,8e ἵνα), na qual toda perda e busca do conhecimento de Cristo é, justamente, para ganhá-lo e ser encontrado nele. Que é a Igreja? É o *novum* que surge da comunhão dos discípulos com Cristo. No *Christus totus* está o Filho de Deus encarnado e todos os que foram alcançados por ele e que mantêm a tensão na vida para serem encontrados nele⁴⁷⁰.

Que é a Igreja? É Cristo, a videira verdadeira. Cristo, a videira que possui ramos, pois “João identifica a videira com Jesus e não com o povo ou as pessoas.

⁴⁶⁹ Não se fala de eclesial enquanto institucional somente, mas também. Cristo tem um corpo; sua encarnação deixou no mundo um *éthos* que cria uma cultura.

⁴⁷⁰ GNILKA, J. *Paulo de Tarso*. Apostolo e Testimone. Brescia: Paideia, 1998, p. 12: “A eclesiologia paulina com a ideia que a comunidade é corpo de Cristo e que todos os fiéis são membros vivos, ativos, deste corpo, não está ainda traduzida na práxis.”

Jesus não é o tronco, mas a videira inteira, os ramos formam parte da videira”⁴⁷¹. Os ramos são aqueles que formaram limpos e permanecem ligados a ele, como os ramos à videira. O discípulo nunca estará só, nem Cristo desfará suas núpcias com nossa carne.

c) Contribuição para a antropologia teológica

A insistência da relação do discípulo com Jesus mostra a consciência de Paulo e do João que em Cristo o ser humano encontra o projeto de si realizado. É a verificação de que “Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação”⁴⁷².

Qual é a imagem de pessoa humana pressuposta nos textos de Paulo e de João? Supõe um ser livre capaz de decisão de onde vai procurar sua fonte de vida. Ele é passível de fazer a escolha considerada pelos textos inadequada, que para o texto da carta aos Filipenses seria a confiança na carne, e para João seria querer fecundidade existencial (produzir frutos) independente do vínculo com Jesus.

Ademais a pessoa humana é considerada um ser a caminho, que se faz a partir de suas escolhas, do ajuizamento do que lhe é perda ou ganho; ou do que lhe permite produzir frutos. Não é um ser acabado, já perfeito, mas tem condições de, conhecendo a verdade sobre si, tendo sido alcançado, dirigir-se para a meta, o prêmio. O EvJo indicaria o caminho para a vida plena, que é resultado de uma vida empenhada em glorificar o Pai.

Embora seja dito de modo mais sutil nos textos estudados, pode-se concluir no conjunto dos escritos em que as perícopes estudadas se encontram, a dimensão social do discipulado. Há sempre um nós (Fl) ou um vós (Jo). A pessoa humana que se torna discípulo se define, também, pela sua existência no grupo. A imagem da videira com os ramos é bem sugestiva desse caráter comunitário da existência cristã. Essa concepção é confirmada por Paulo na imagem do Corpo de Cristo; imagem esta que está presente na concepção de que o discípulo se forma nele. Em Cristo os discípulos são uma só coisa.

⁴⁷¹ SANCHEZ MIELGO, G. Imágenes eclesiales en el Evangelio joánico. *CiTom* 131, 2004, p. 534.

⁴⁷² *Gaudium et Spes*, n. 22.

d) Contribuição para a espiritualidade do discípulo

A pesquisa inteira é uma contribuição para aprofundar a espiritualidade do discípulo, cuja fonte é a Sagrada Escritura. Foi proposto um tema de atualidade com o intuito de refletir coisas que, com facilidade, são dadas por deduzidas. Enquanto que a prática observada desaconselha a segurança da obviedade.

O discipulado apresentado por Paulo e por João é um antídoto ao ativismo que se parece mais com excentricidades que, mesmo inconscientemente, visam a esquecer o vazio das motivações interiores. Quem se movimenta muito, para um lado e para outro, pode ser sinal de um discipulado não realizado na sua essência. Ou se está em Cristo e está acontecendo o discipulado, ou correndo fora. O primordial para o discípulo não é o que ele faz, o acento está sobre a qualidade da relação com Jesus⁴⁷³.

Há no estudo um aspecto de negação e outro de afirmação. Negação de caricaturas de discipulado, as quais os textos se encarregam de desacreditar inclusive mostrando o desfecho vazio de tais alternativas. Sobre este ponto basta ver a análise que Paulo faz de seu período de pré-discipulado; da parte do EvJo as funestas consequências para quem não permanece em Cristo (Jo 15,6). A afirmação do específico e essencial do discípulo, mostrando o seu rosto cristocêntrico.

e) Contribuição para a escatologia

O discípulo deverá compreender-se a cavalo entre o dom recebido e já acolhido e a meta da totalidade do dom ainda a acolher. Ou seja, lhe é dada, na proporção de sua adesão, uma reserva da δύναμις do Ressuscitado que permite uma existência com densidade de significado e clareza de objetivo: atualizar em si a vida de Jesus Cristo, seu mistério pascal (sofrimentos, morte e ressurreição), acolhendo a energia da videira que o permite uma vida fecunda na produção de frutos. É este substrato de vida já acolhido que mantém o discípulo na sua tensão moral.

Por outro lado a reserva escatológica, isto é, o dinamismo da corrida para alcançar ou para tornar-se discípulo, visto como fato dinâmico, não acabado aqui

⁴⁷³ Cf. BROWN, R.E. *L'église héritée des Apôtres*. 3. ed. Paris: Cerf, 1996, p. 150.

e agora, sustentará sua esperança, pois aqui e agora o discípulo vive de fé. Este é o tempo da vida em Cristo, impulsionada na lógica do grão de trigo que deve morrer para produzir frutos, o discípulo deve submeter-se no momento presente ao movimento pascalizador para dispor-se à totalidade do dom que está diante dele como oferta.

Paulo e João purificam os males que poderiam decorrer da pretensão da escatologia realizada, sem com isso esvaziar a existência do discípulo de toda potencialidade de uma vida aqui e agora já alcançada pela vitalidade por Cristo Jesus, já purificada pelo Cristo Palavra eficaz que basta por si mesmo.

f) Contribuição para a pastoral

Entra aqui uma nova valorização dos sacramentos como meios de comunhão com Cristo. São constantes as queixas de uma sacramentalização sem evangelização. É pertinente a denúncia de Bonhoeffer de uma “graça barata”⁴⁷⁴, na qual não há comprometimento com o discipulado, nem da exigência de quem distribui os sacramentos, nem no empenho de quem os procura. Até quando? A razão de ser dos sacramentos está na realização do nascer e do fazer-se do discípulo. Fora disso é jogar pérolas aos porcos.

A Palavra diariamente escutada como meio de ativar o processo de conformação com Cristo adquirindo seus valores. A pregação e a oração a partir desta Palavra é compromisso que expressa a consciência de que sem ele nada se pode fazer.

Por vezes nota-se um cansaço nos leigos, sobrecarregados com muitas funções⁴⁷⁵. Além de uma questão prática, está a falta de foco na ação pastoral,

⁴⁷⁴ BONHOEFFER, D. *Sequela*. Brescia: Queriniana, 1971, p. 21: “A graça barata é o inimigo mortal da nossa Igreja. Nós lutamos por uma graça a preço caro. Graça barata é a graça considerada material de descarte, perdão desperdiçado. [...] Nesta Igreja o mundo vê cancelados, por preço baixo, os pecados dos quais não se arrepende e dos quais muito menos deseja ser libertado. Graça a preço baixo é, portanto, negação da Palavra vivente de Deus, negação da encarnação da Palavra de Deus”.

⁴⁷⁵ BERNANOS, G. *Diário de um pároco de Aldeia*, São Paulo: Abril Cultural, 1985, pp. 11-12: “A minha paróquia é devorada pelo tédio, eis a palavra. Como tantas outras paróquias! O tédio as devora sob nossas vistas e nada podemos fazer. Um dia, talvez, o contágio tomará conta de nós, descobriremos em nós esse câncer. Pode-se viver muito tempo com isso. [...] Dizia a mim mesmo que o mundo é devorado pelo tédio. Naturalmente, é preciso refletir um pouco para dar-se conta disso; não é fato que se aprenda assim, de relance. É uma espécie de poeira. A gente vai e volta sem a ver, respira-a, come-a, bebe-a; é tão tênue, tão fina, que nem ao menos range sob os dentes. Mas a gente para um segundo, ei-la que cobre nosso rosto, nossa mão. Temos de nos sacudir, sem cessar, para libertar-nos dessa chuva de cinza. Daí porque o mundo tanto se agita”.

cuja finalidade não é fazer muitos encontros e eventos, mas levar as pessoas, sobretudo os agentes de pastoral, a permanecer em Cristo, a conformarem sua existência ao mistério de Cristo; sabendo ler os fatos corriqueiros – doenças, dificuldades de relações, embates com as injustiças sociais – à luz dos mistérios de Cristo: seus sofrimentos, sua morte, com grande confiança na força da ressurreição de Jesus Cristo. Isso renova a pastoral, redimensionando as forças para o essencial.